



NA FRENTE OCIDENTAL DA BATALHA. — O rei de Inglaterra visitando um hospital

II SÉRIE—N.º 602

Lisboa, 3 de Setembro de 1917

# Ilustração Portuguesa

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑHA  
**Assinatura** Trimestre, 1\$45 ctv.—Semest. 2\$90 cent.—Ano 5\$80 ctv.  
 Numero avulso, 12 centavos  
 Numero avulso em todo o Brazil 700 réis.

Edição semanal do jornal —O SÉCULO—  
 Director—J. J. da Silva Graça  
 Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.  
 Editor—José Joubert Chaves  
 Redacção, administração e officinas: Rua do Século, 13—Lisboa

O Forro de Aço n'um Cartucho

significa um forro de resistencia  
Os Cartuchos

“NITRO CLUB”

para Espingarda

Feitos nos  
calibres 10,12,  
16, 20, 24 e 28

tem um forro de aço que chega até mais acima da carga de pólvora - dando d'esta forma maior resistencia ao cartucho, potencia e penetração á carga de chumbo. Assim como também se pode contar com uma distribuição de chumbo exacta e uma sacola cheia de caça.

A venda pelos principaes commerciantes de todas as partes - catalogo gratis a quem os solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company  
Woolworth Bldg., Nova York  
E. U. A. do N.



AGENTE EM PORTUGAL: G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

PÕ  
DE ABYSSINIA  
**EXIBARD**  
Sem Opio nem Morphina.  
Muito eficaz contra a  
**ASTHMA**  
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
6, Rue Dombaste, PARIS

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre  
chiromante e fisionomista  
da Europa

MADAME

Brouillard



que se lhe seguíram. Fala portuguez, francez, ingiez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a \$100 réis, 2\$300 e 5\$800 réis.

Medico DECIO FERREIRA

Tratamento e cura pelo **RADIUM** do cancro (Epitellomas, sarcomas e carcinomas). Cancroides. Queloides e cicatrizes viciosas. Angiomas. Nevos vasculares e pigmentares. *manchas de vinho*. Tuberculose cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Pruridos, névrodermites, acne, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas. metrites. Uretrites cronicas. Blenorragia e suas complicações. Manifestações terciarias da sífilis, etc.



Antes



Depois

Raios X e electricidade na gota, reumatismo, coração, pele, nevraigias, paralisias, tumores, etc.

Consultorio: Rua Garrett, 61, 1.º (Chiado) — Telefone 2.570, LISBOA

Perfumaria  
Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de respons. limitada

Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção.....	296.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hernio (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes — *Escritorios e depositos: LISBOA, 270, Rua de Princeza, 276 — PORTO 49, Rua de Passos Manuel, 51.* — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa 605—Porto 117.

**Romarias**

Verificou-se que a concorrência este ano ás romarias do Senhor da Serra e da Senhora da Atalaia, as duas festas populares mais animadas dos arredores de Lisboa, foi muito inferior á dos ultimos anos. Influencia da guerra? Decerto, pelo menos como factor principal. Aos politicos que se queixavam—extranha queixa!—de que não sentiamos a guerra, de que parecia que não tinhamos a consciencia de tomar parte directa no conflito, responde-se agora com este afastamento das poucas diversões que eram concedidas ao povo portuguez. Ele sente, enfim, a guerra.

Por outro lado, é tambem possivel que a educação moderna e a convivencia dos centros altamente civilizados o tenham levado a mais nobres distrações, ás que dão pasto á inteligencia de preferencia aos sentidos, como a Economia Política aconselha que se faça quando desapareça uma necessidade qualquer, pois que a não substituição seria a negação do progresso.

Em todo o caso a romaria, mesmo despida da poesia de que os sentimentalistas a revestem, tinha grandeza; para ella se desafiavam os rapazes que haviam tido desavenças pelo ano adiante e ali é que as contas se saldavam, á paulada. Moços fortes partiam cabeças rijamente, em duelo franco, por sua dama—que premiava o vencedor com o melhor sorriso, antecedendo prenda de mais valia.

Sabemos de uma aldeia da nossa terra onde as raparigas não casam com quem não tenha tido pelo menos uma rixa, deixando o adversario bem amassado. E então os rapazes de ali andam sempre ansiosos pela romaria, onde as costelas se amassam...

Vão-se estas tradições de brutalidade, mas que não deixaram de ter a sua nobreza.

**A intervenção papal**

Os aliados contra os imperios centraes fizeram justiça ás boas intenções de Sua Santidade, mas tomaram as suas propostas de paz como inaceitaveis, tão longe pareciam estar dos desejos de todos e tão fóra até da realidade das coisas. Efetivamente, a pomba do Espirito Santo é fulgurante de luz na sua alvura incomparavel, mas vóa tão longe dos mundos que certamente ha de confundir os vultos humanos, reduzindo-os a um só tipo, e ha-de supô-los imoveis, porque as deslocaciones são imperceptiveis observadas de milhões e milhões de leguas.

Homem de paz é Benedito XV, de paz é a missão dos sumos pontifices, mas esta só a pode fazer humanamente, justiceiramente, quem não se tenha isolado no celibato e na religião, quem não conheça o grande mar das paixões apenas pelo ruido monotono e incaracteristico das ondas longiquas. A dôr pode cegar, sem duvida, mas é do seu grito que ha-de sair a verdade pura, a gloria para uns, a penitencia



para outros e de gloria e penitencia é que a paz deve de ser feita, por quem tenha amado e por quem tenha sofrido, como Cristo, de quem o seu vigario só herdou a facilidade em perdoar.

**«Torre de Babel»**

Por dever profissional, do qual andavamos apartados ha mezes sem culpa de maior, tivemos de assistir a semana passada a uma representação da revista teatral, *Torre de Babel*, assinada por autores festejados no genero. Talvez pela falta de habito, a peça fez-nos meditar e modificar essencialmente o nosso antigo modo de ver acerca de revistas de ano, que todas julgavamos frivolas e pouco menos do que indignas da atenção de pessoas sensatas.

Não, senhores: ou tinhamos sido até então de uma levandade tola, ou esta possui um condão especial. E estamos em que foi o primeiro quadro a causa de essa impressão.



Passa-se n'uma côrte de fantasia, na d'um rei da Babilonia, na ocasião em que a côrte lhe oferece uma espada de honra e o rodeia das mais extraordinarias adulações, presentando-o até com meia duzia de donzelas. El-rei,

sentindo-se velho e incapaz, desconfia de tantas amabilidades e adivinha uma reviravolta proxima da parte dos seus subditos; logo regeita as dadivas, lê no coração dos vassallos as intenções revolucionarias e, antes que o deponham do trono, arranca elle proprio a corôa, põe na cabeça um chapéu alto, proclama a Republica e nomeia-se presidente.

Naturalmente, o espirito da revolução encolhe-se e toda a côrte adere pacificamente ao novo estado de coisas, mudando-se de forma de governo sem o menor incomodo seja para quem fôr.

Não sabemos se em paizes diferentes do nosso ha liberdade para expôr este exemplo aos reis. Se a houvesse e eles assistissem a espetaculos como o que referimos, meditariam como nós meditámos, evitando convulsões desagradaveis, trocando serenamente a corôa por el sombrero de copa.

**Livros**

Albino Forjaz de Sampaio dá-nos o seu primeiro livro depois que é socio da Academia das Ciencias de Lisboa, ex-Academia Rial das Ciencias. Intitula-se *Vidas sombrias* e compõe-se de quadros negros, gotejando sangue, onde bradam os famintos, apodrem cadaveres, rouquejam desequilibrados. A impressão que o livro nos dá é de horror, que foi a que o autor quiz transmitir. Causou-nos insonias e arripiou-nos, não tanto provavelmente como ha de arripiar os academicos que o teem como novo colega, pelos atrevidissimos neologismos com que Albino Forjaz de Sampaio salpica as suas 250 paginas, em nodos irreverentes.



ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de Stuart Carvalhaes).

## HOMENAGEM A' MARINHA DE GUERRA



Em 25 do mez passado, realisou-se solenemente a entrega de uma bandeira nacional, homenagem do municipio de Lisboa ao navio-chefe da divisão naval. A' cerimonia, que teve grande imponencia, assistiu o chefe do Estado que, acompanha-



do dos ministros do interior, da guerra e da marinha, e do major general da armada, foi recebido a bordo do couraçado «Vasco da Gama» pelo sr. Leote do Rego, illustre comandante da divisão naval, pela officialidade presente e pelos membros da Camara Municipal de Lisboa.

A bandeira, que se encontrava encerrada n'um precioso estojo de rica madeira, tendo no tampo, em prata fôsea, as armas da cidade, foi içada com as devidas honras, depois de assinado o auto de entrega feita pelo sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente da Comissão executiva da Camara Municipal, sendo proferidos discursos em que se enalteceu a obra e o patriotismo da armada e do exercito.



1. No momento de ser içada a bandeira.—2. Saudando a nova bandeira.—3. O chefe do Estado, membros do ministério e do municipio, comandante da divisão naval e convidados a bordo do Vasco da Gama.—(Clutchés Benolle).

## Como lutam os portugueses



1. Lulz Lopes d'Almeida, soldado d'infantaria, morto em França. — 2. Antonio Ortigoso, de Valado de Frades, soldado d'infantaria n.º 7, morto em França. — 3. Joaquim Ferreira Gallinha, 1.º cabo de infantaria n.º 35 morto em França. — 4. Fernando Mendes, da Redinha, soldado d'infantaria, morto em França.

Cada dia se registam novos feitos dos portugueses em França. Nos jornaes do paiz e nos do estrangeiro, principalmente inglezes e francezes, descrevem-se atos de coragem e de bravura que nos abrem um logar de honra a par dos nossos aliados.

Nós tambem temos a arquivar hoje n'estas paginas um dos feitos mais brilhantes, cometidos até agora. Practicou-o o alferes de infantaria 21, sr. Alberto Higino da Ponte e Sousa, que no dia 6 de julho, pelas 10 horas e meia fôra ferido na cabeça



O alferes d'infantaria sr. Alberto Higino da Ponte e Sousa.

pelo estilhaço de uma granada e no dia seguinte teve de sustentar nova luta com o inimigo.

Ao cair da tarde, a parte do sector que ele defendia com os seus soldados foi atacada por patrulhas alemãs. N'esse momento tinha junto de si apenas dois homens; mas conservou toda a sua serenidade e sangue frio, tomando medidas imediatas tão eficazes que, apesar da surpresa com que o inimigo contava, este foi valentemente repellido. Uma hora depois de começar a luta, Ponte e Sousa recebeu uma ferida



O pessoal medico d'um hospital Inglez (na frente ocidental) onde ha o maior numero de doentes portuguezes: 1. Comandante Wetherell. — 2. Major dr. Sousa Junior. — 3. Dr. Brito Tavares. — 4. Dr. Lelo Portela. — 5. Dr. Leonel Cardoso. — 6. Dr. Nicolau Costa. — 7. Dr. Batista Limpo.



1. Francisco Sergio Parreira, 2.º sargento d'infantaria. — 2. Leopoldino José Cerdeira, 2.º sargento d'infantaria. — 3. Antonio Pereira Guimarães, 2.º sargento d'infantaria.



Grupo de sargentos de infantaria. Da esquerda para a direita: José Nunes Barroso, Joaquim Peres de Carvalho e Manuel Folgado Pinheiro.



1. Raul Gomes, 2.º sargento de infantaria. — 2. Sargentos Julio Correia d'Oliveira e José Crespo d'Avelar. 3. Anastacio José dos Santos e Raul dos Santos, sargentos d'artilharia.



profunda no braço direito. O sangue corria-lhe com abundancia, mas ele continuou no seu posto sem fazer sequer menção de o sentir. Só depois dos alemães debandarem e de ter feito remover o unico dos seus soldados feridos é que pensou em ir receber tambem curativo. E ainda, antes de o fazer, foi prestar no comando da sua companhia as declarações que julgou necessarias



sobre o ataque. Já tinha sido citado em ordem da divisão e recebido a medalha de valor militar. Mas essas duas distincções ainda não foram consideradas as suficientes para galardoar a sua coragem e valentia. Foi condecorado com a medalha da Cruz de Guerra, que sobre nenhum outro peito assentaria melhor que sobre o seu.

Taes são as notas sumarias, repassadas de comoção e de estima



Manuel Machado Gouvêa, 2.º sargento de infantaria.



que acompanham o seu retrato tirado em França poucos dias depois do ataque que em tão gloriosa evidencia o colocou. Com essas notas o reproduzimos, prestando tambem a nossa ho-

Officiaes e praças dos serviços administrativos portuguezes e inglezes em serviço no local do desembarque das tropas portuguezas.



Grupo d'oficiaes d'um batalhão d'infantaria, entre os quaes se vê o alferes sr. Reinaldo Leite (◊).



1. Sr. Manuel Tavares, aspirante a oficial.—2. Sr. Amadeu Marques de Figueiredo, alferes d'infantaria.—3. Sr. João Gomes Tojal, alferes de infantaria.—4. José Pedro Marçal, 2.º sargento d'infantaria.—5. Antonio da Silva Dias, 2.º sargento d'infantaria.

sr. Alberto Higino da Ponte e Souza, como todos os que lhe seguirem o nobre exemplo.



Alferes sr. Amaro de Freitas.

menagem ao que tão altamente soube honrar-se a si e ao seu paiz.

E bem digno d'ela é o alferes



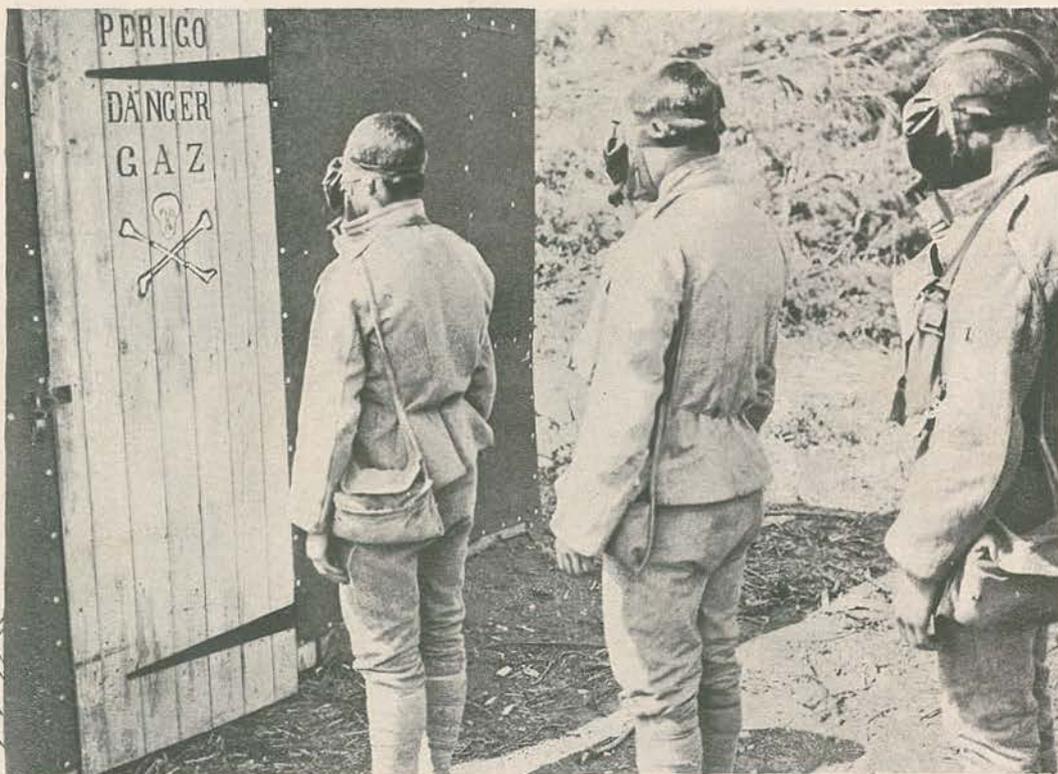
Da esquerda para a direita, sentados: os srs. alferes Isalás Sardinha, capitão Gonçalves e os alferes Teixeira Pinto e Salgueiro. De pé: os srs. tenente Prado Coelho e os alferes Tristão, Maldonado Centeno e Sebastião Amaral.



Nas trincheiras portuguesas.—Como todos os outros aliados, o meio d'ataque dos alemães mais traiçoeiro, que os portugueses teem a recear, é o dos gazes asfixiantes. Mostram estas duas gravuras os nossos soldados preparados para resistirem á influencia deleteria d'esses gazes aos quaes o inimigo deve hoje as unicas vantagens que ainda poderá registrar.



Entrando nas trincheiras já munidos de mascaras contra os gazes asfixiantes.



Preparando-se para a luta dos gazes asfixiantes

(Clichés da secção fotografica do exercito Inglez).



1. As tropas portuguesas no campo de concentração.  
Exercício de transporte de feridos  
2. Um oficial explicando a maneira de colocar as mascaras contra os gazes asfixiantes.

(Clichés da secção fotografica do exercito Inglez).



3. N'um posto de socorros no sector portuguez: Os valentes «serranos», que se batem admiravelmente na frente, trazendo o capacete do exercito britanico.—(Cliché da secção fotografica do exercito Inglez).—4. Sr. José Esteves Canilho, alferes d'infanteria.—5. Sr. Antonio Amilcar Coelho, alferes d'infanteria.—6. Sr. Bernardo da Costa Mesquitela, capitão d'engenharia.—7. Sr. Antonio Rodrigues da Cunha Azevedo, capitão d'infanteria, que já tomou brilhante parte na campanha do Sul d'Angola.—8. 2.º sargento d'infanteria, Pedro dos Santos Raymundo.—9. 2.º sargento d'artilharia, Antonio Dias Junior.—10. 2.º sargento d'artilharia, José d'Oliveira.—11. Sargento electricista, Arnaldo José d'Araujo.—12. Um aspecto do campo de concentração das tropas portuguesas.—(Cliché da secção fotografica do exercito Inglez).



Srs. dr. Jorge Cid, diretor do Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa em França e Pedro Cid, consul de Portugal no Havre.



Sr. João Carlos Craveiro Lopes, tenente-coronel d'infantaria.



Sr. dr. Albino de Paiva Curado, capitão-medico.

A identidade de um retrato.— Em o nosso numero de 25 de julho passado registámos que no retrato n.º 12, que hoje reproduzimos novamente, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Amelia Grama, de Arazede, reconhecia seu marido o sr. Henri-



Henrique Ferreira Grama, telegrafista de campanha.

que Ferreira Grama, telegrafista de campanha, ao passo que o sr. José Filipe, de Santarem, reconhecia o mesmo retrato como o de seu irmão Filipe Pedro, do grupo de saude. Tão depressa aquele numero da *Ilustração Portuguesa* chegou ao nosso sector em França, onde ela é sempre acolhida com a ansiedade de uma mensageira amiga, vinda da saudosa patria, o

sr. Ferreira Grama deu logo pelas duvidas em que ficámos e apressou-se em desfazer-as, escrevendo-nos no dia 8 d'agosto findo.

Diz ele com legitimo orgulho que não foi sua esposa que se enganou; mas, sim, o sr. José Filipe, cuja confusão deve ter provindo da braceadeira que usam igualmente os telegrafistas e os da companhia de saude. Ha uma diferença, porém: os primeiros usam-na no braço direito e os segundos no esquerdo.

Fica, pois, estabelecida a identidade do retrato n.º 12 e muito estimariamos poder em breve dizer o mesmo de todos os outros que teem saído numerados e de que ainda não sabemos os nomes.

Não é só um favor prestado á *Ilustração*, é tambem uma prova de estima prestada a esses bravos.

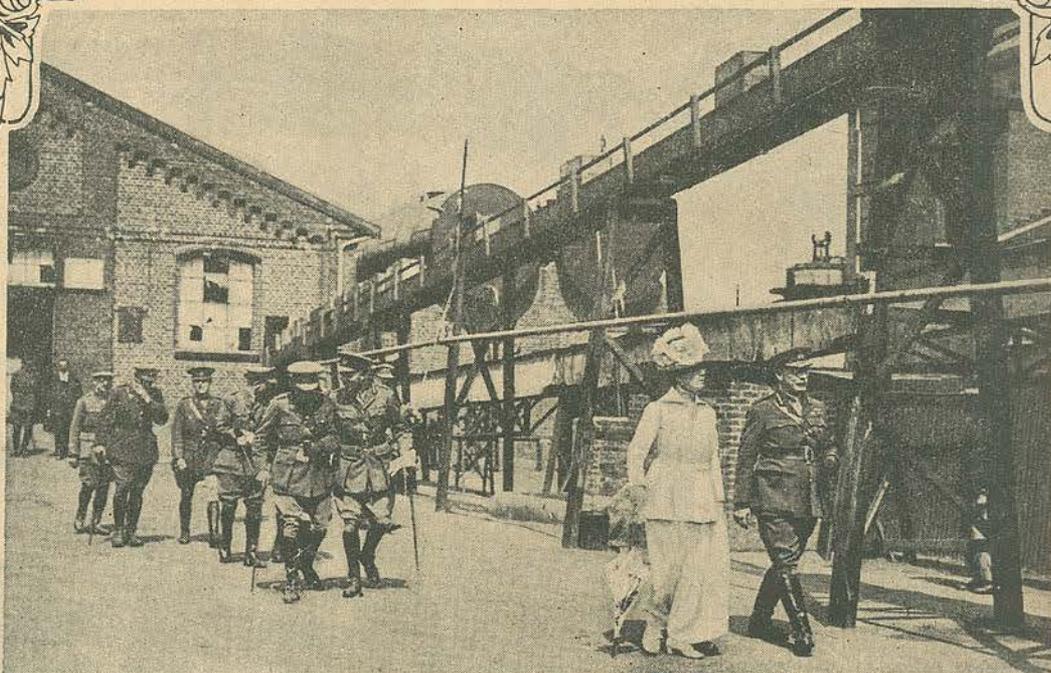


Sr. dr. Almeida Arez, Julz da Relação de Lisboa, nomeado auditor geral dos conselhos de guerra do C. E. P. com a graduação de tenente-coronel.



Sr. José Vieira Gameda, alferes miliciano.

# A GUERRA



A rainha de Inglaterra visitando um deposito de petroleo



Na frente de batalha.—O rei d'Inglaterra e mr. Poincaré saindo do grande quartel general



*Na frente belga.* — 1. Manobras d'infanteria n'um campo á retaguarda das primeiras linhas.

2. Outro aspeto das tropas manobrando á retaguarda das linhas de combate.

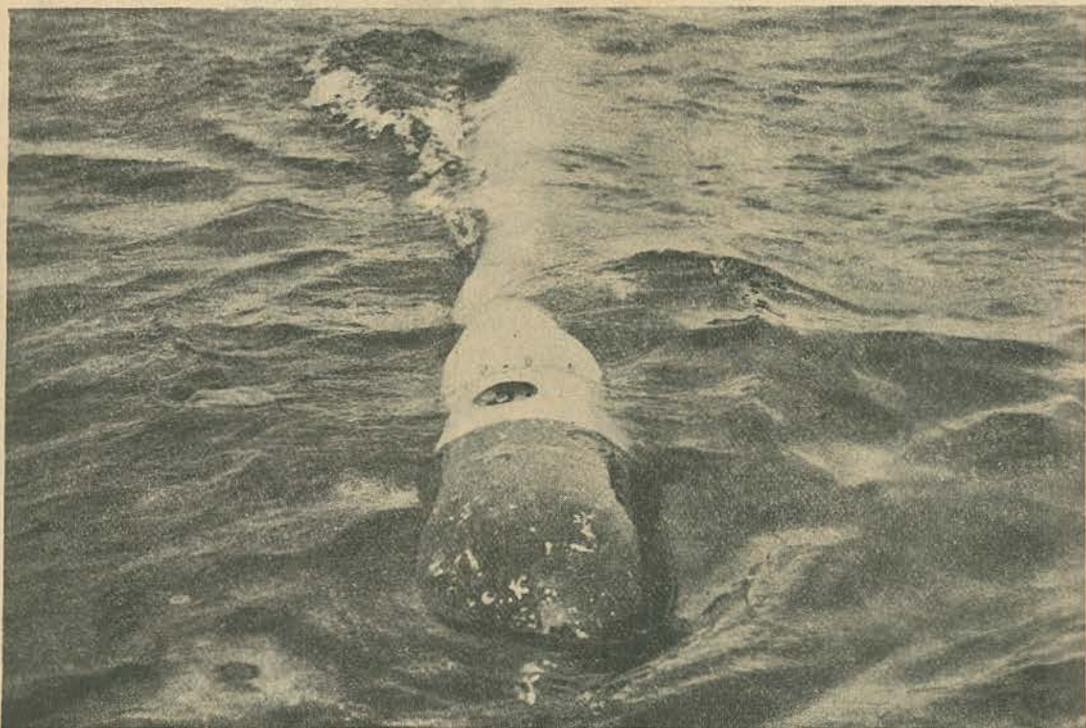


*No Aube.* — Mr. Poincaré com o ministro da guerra, mr. Painlevé, examinando um canhão na frente da batalha.

(Clichés da secção fotografica do exercito francez).



O edificio do *Petit Parisien* em Peronne



Um torpedo sulcando a superfície da água



Entrega solene ao rei Alberto d'um sino encontrado nas ruínas d'uma igreja do solo belga reconquistado.



Antes da ofensiva na frente do Yser.—Tropas belgas prestando homenagem á bandeira d'um regimento francez que as vae render.

(Clichés da secção fotografica do exercito francez).

## A queda de uma soberania



O ex-czar da Rússia prisioneiro em Tsarskoe Selo



O ex-czar Nicolau e suas filhas no desterro

O ex-imperador da Rússia e sua família deixaram a sua residência de Tsarskoe Selo, onde estavam prisioneiros, sendo transferidos para Tobolsk e ali instalados no palácio do governador. Foi para ele, sobre tudo, um novo golpe, porque, embora sempre guardado á vista por vigilantes e numerosas sentinelas, Nicolau II encontrára nas grandes alamedas e espessas sombras de Tsarskoe Selo o recolhimento, em que o seu espirito se engolfava horas e horas a percorrer o seu passado de soberana grandeza e o desastrado desfecho da sua vida imperial.

Foram tão enternecidas as despedidas que o ex-czar teve um momento de fraqueza perguntando a Kerensky se em breve voltaria para ali. Este nem lhe respondeu.



Senhoras americanas futuras pilotos d'avções.

trabalhando aos milhares nos arsenaes, nas fabricas de munições, com a mesma destreza e resistencia com que trabalham nos campos e nas mil

industrias a que foram arrancados os homens; hoje tripulando aeronaves e combatendo a milhares de metros de altitude, e amanhã certamente percorrendo afoitas os abismos do mar, insensível aos seus misterios, ás suas inclemencias e aos seus perigos.

Decididamente, uma das muitas coisas com que a guerra ha de acabar é com a incompreensível denominação de *sexo fraco*.



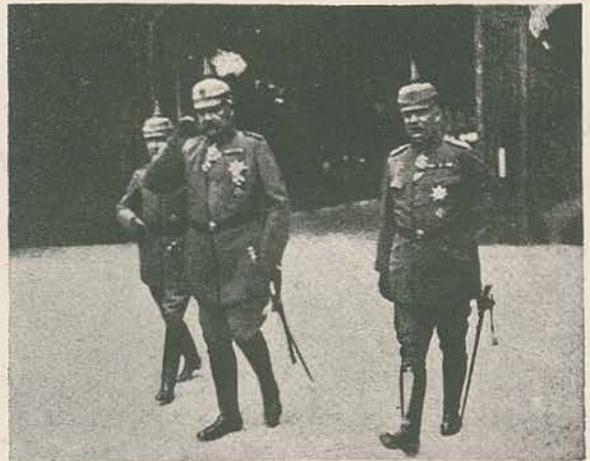
O general Averescu que comanda a offensiva romena na frente de Moldavia.



O presidente do ministerio bavaro que na recente crise foi indigitado para chanceler.



O conde Esterhazy, presidente do ministerio hungaro.



Os marechaes Hindemburgo e Ludendorff em Berlim, por ocasião da visita do rei da Bulgaria.

2. O ultimo retrato do feld-marechal Mackensen trajando o uniforme de hussard de Frederico Guilherme III da Prussia.

## COMBATENDO EM AFRICA



1—Infantaria portuguesa atravessando uma ponte sobre o Rovuma.

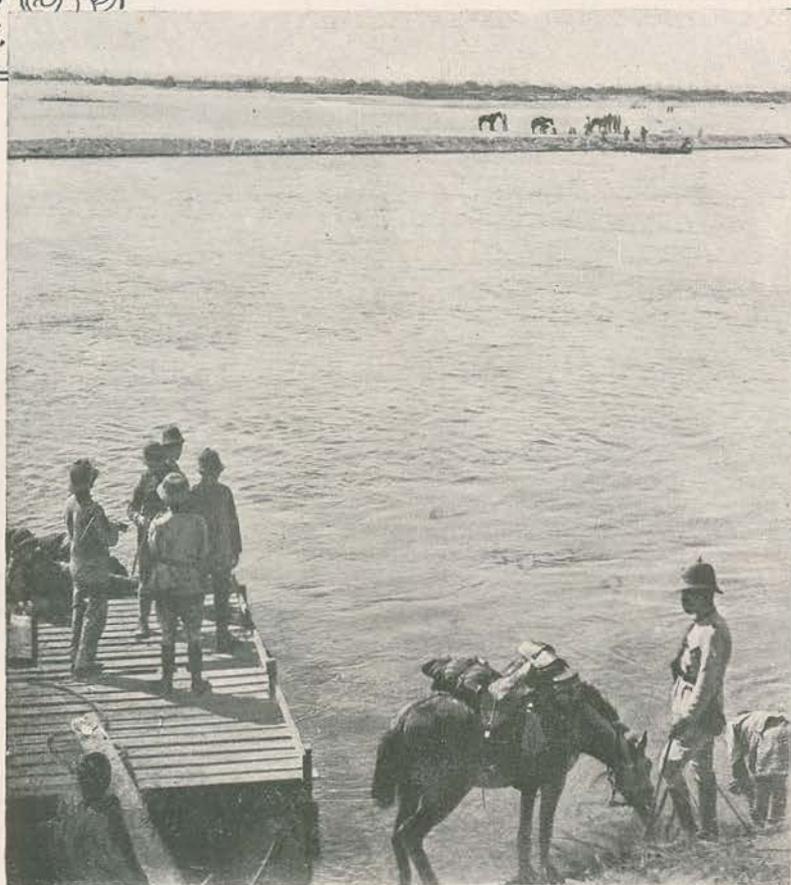


Não é só em França que estamos combatendo. Também em Africa combatemos entusiasticamente pela patria, a troco de grandes sacrificios de vidas e de dinheiro. O nosso esforço na Europa, ao lado de inglezes e francezes, é brilhante, sem duvida; mas não deve absorver exclusivamente a admiração e o interesse do paiz. E' preciso repartir uma e outro com os que derramam gene-



2—Metralhadora em posição de fogo n'uma das margens do Rovuma

3—Metralhadoras em posição de combate em Migomba (Africa oriental alemã).



**Namoto.** — Jangadas para a travessia do Rovuma

rosamente o seu sangue na defeza do nosso patrimonio colonial, que o mesmo é que da nossa autonomia. E a certeza moral para esses bravos soldados de que o paiz aprecia igualmente a sua he-



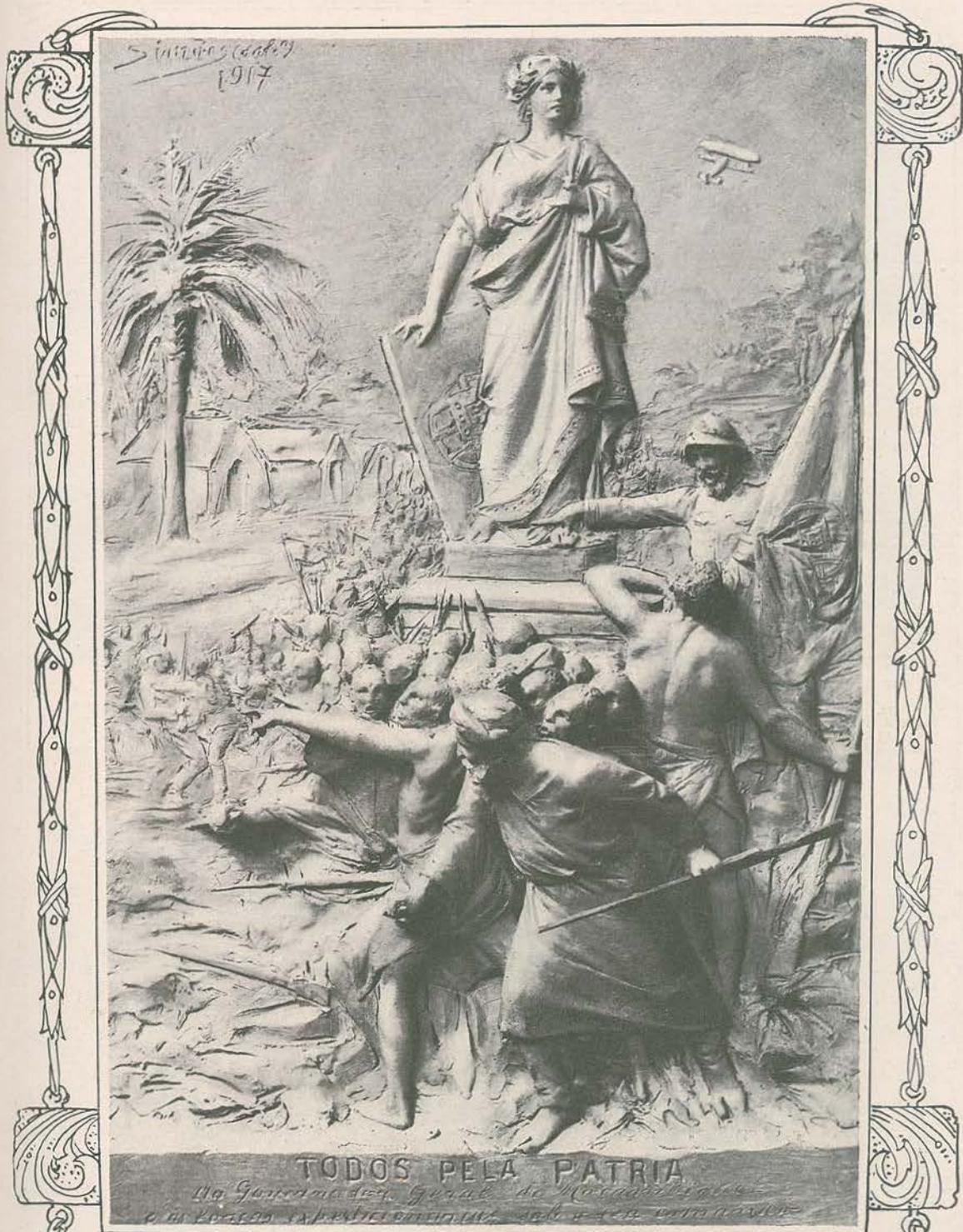
O telegrafista sr. André Moura e a sua estação de campanha.

roica obra dar-lhes-ha dobrado alento para a levar a um fecho glorioso.



**Migomba.** — Abrigo alemão blindado para metralhadoras ocupado pelas forças portuguesas

(Clichés do distinto amator sr. André Moura).



É o ilustre jurista e eminente republicano, sr. dr. José de Castro, quem tem a gentileza de nos explicar nos seguintes termos o nobre fim a que visa este magnífico trabalho de Simões d'Almeida, Sobrinho:

O quadro oferecido, reprodução de uma esplendida escultura, feita a meu convite pelo notabilíssimo escultor Si ãões d'Almeida, Sobrinho, reduzido depois a bilhetes postaes, dez mil dos quaes foram oferecidos aos nossos soldados da expedição á Africa Oriental, representa:

1.º Homenagem patriótica ás forças expedicionarias e ao seu comandante em chefe, dr. Alvaro de Castro, governador geral da provincia de Moçambique, que estão honrando as tradições e o prestigio do exercito portuguez.

2.º Demonstração de simpatia ás tropas indigenas que, defendendo com o seu sangue a bandeira nacional, conquistam o direito de chamar tambem sua a Patria Portugueza.

3.º Atestado iconografico da nossa participação na guerra em Africa, a milhares de leguas da metropole, oferecendo ahi tambem, n'essas regiões distantes e mortíferas, uma Frente aos proprios convictos e confessos, violadores do direito internacional e dos mais rudimentares sentimentos de humanidade.

Eis o significado d'essa verdadeira obra d'arte.

José de Castro

# FIGURAS E FACTOS



General sr. Sebastião Sousa Dantas Baracho

Entre duas reacções.— E' este o titulo que o general sr. Dantas Baracho pôz ao 1.º volume das suas memorias politicas, livro de alto valor pelo criterio, firmeza de analise e nobre imparcialidade com que está escrito.

N'essa edificante lição de factos, exposta sem a menor preocupação de agradar a estes ou desagradar áque-

les, o illustre militar e escritor revela o mesmo amor patrio, o mesmo ideal de ampla liberdade que caracterisaram sempre toda a sua carreira publica.



Sr. José Simões Coelho

Simões Coelho.— Partiu para o Rio de Janeiro o nosso distinto colega sr. José Simões Coelho, que vae em missão especial do *Seculo* entrevistar as mais altas personalidades brasileiras sobre a politica sul-americana.

Simões Coelho que conhece a fundo os problemas economicos, politicos e sociaes brazileiros, decerto se desempenhará com grande brilho e proficiencia da sua missão, que as circunstancias atuaes tornam aliás bastante difficil e delicada.



Sr. Dr. Costa Pinheiro, autor do livro *As Marcas no Direito Commercial Portuguez.*

Serviços radio-telegraficos.— Partiu para a Africa Oriental o sr Artur do Amaral Monteiro, um dos nossos radio-telegrafistas militares mais habéis e experimentados, do que tem dado provas merecedoras de elogio.

O sr. Monteiro pertence á esqua-



Sr. Artur do Amaral Monteiro

drilha de aviões expéditionaria a Moçambique. Vae tomar n'ela o seu posto, com o brio e entusiasmo propios de quem julga o seu maior dever defender a patria e a grande causa da humanidade que bem merecem todos os sacrificios.



Sr. Joaquim Correia da Costa, autor do livro *Ode á Primavera*, recentemente publicado.



Grupo de meninas que tomaram parte nas danças de Coimbra, n'uma recita realisada em Alpiarça

A favor dos feridos da guerra.— Não quiseram tambem, as senhoras de Alpiarça, deixar de prestar o seu concurso á obra patriótica e humanitaria que as senhoras portugue-

zas empreenderam a favor dos soldados feridos na guerra, e assim levaram a effeito, n'aquella vila, uma recita, que decorreu com o maior brilhantismo.

# HOSPITAL DA JUNQUEIRA



O sr. dr. Bernardino Machado, tendo á sua direita os srs. Norton de Matos e dr. Jorge Old e á esquerda o sr. general Joaquim José Machado e a sr.<sup>a</sup> D. Maria Antonia Ferrelra Pinto, dama enfermeira-chefe.

No dia 23 d'agosto ultimo, visitou o chefe do Estado as dependencias do hospital da Cruz Vermelha, na Junqueira.

O illustre visitante, que se fazia acompanhar pelos srs. Norton de Matos, ministro da guerra, e Luiz Barreto da Cruz, secretario geral da presidencia, foi recebido pelo general sr. Joaquim José Machado, presidente da Sociedade da Cruz Vermelha, que fez as apresentações dos funcionarios superiores d'aquelle hospital.

Os srs. presidente da Republica e ministro da guerra, que percorreram todas as enfermarias, presencia-

tes de maior gravidade, assistiram, na cerca, a exercicios de socorros, prestados por um cão da Cruz Vermelha, que muito apreciaram.

A' direção, bem como a todo o pessoal hospitalar, dispensou o sr. dr.



O sr. ministro da guerra e a sr.<sup>a</sup> D. Maria Antonia Ferrelra Pinto.



O sr. ministro da guerra acariciando um cão da Cruz Vermelha (Nichés Benollel).

ram alguns tratamentos demonstrativos e dirigiram palavras de conforto a alguns doentes.

Bernardino Machado os merecidos elogios por esta obra altamente benemerita e patriótica.

# Concurso de Patinagem



1— Aspecto da assistência e d'uma das provas do concurso

Nos dias 18 e 19 do mez findo a Associação do *Sport Lisboa-Bemfica* realizou no seu vasto *ring*, um concurso de patinagem, que revestiu o maior brilhantismo, com a assistência de uma grande multidão em que se distinguia um avultado numero de *sportmen* e muitas pessoas da nossa melhor so-

cidade que, com o maior interesse, seguiam as variadas provas do programa, tão inteligentemente elaborado, aplaudindo entusiasmaticamente os vencedores e dispensando palavras de conforto e animo aos vencidos, que decerto, n'uma futura festa, não menos importante do que aquela, terão o seu *return match*.



2 e 3— Grupos de *sportwomen* e *sportmen*



4— A prova de luta de tração

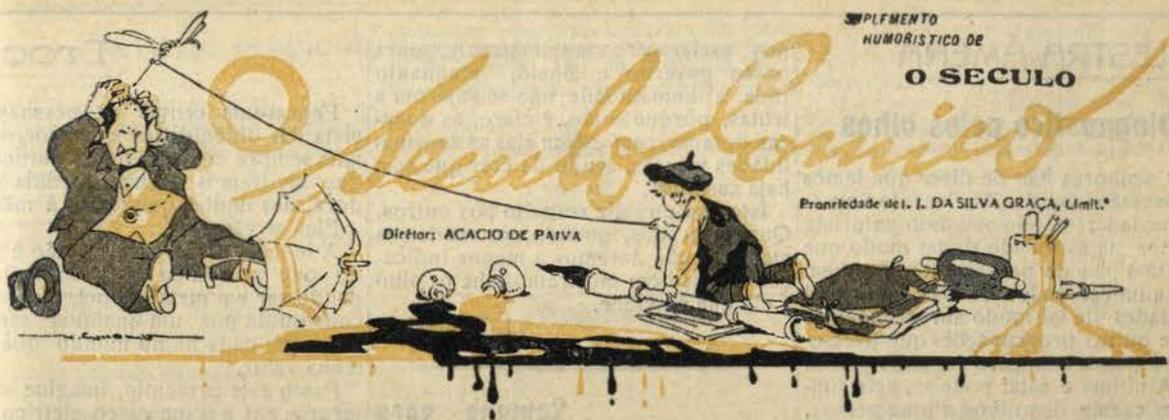
(Clôchê Benoliel).

SUPLEMENTO  
NUMÉRICO DE

O SÉCULO

Propriedade de I. DA SILVA GRACA, Limit.º

Director: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO, 49—LISBOA

## Pão fino



Zé Povão:

—Ora até que enfim ha pão fino para os outros comerem e eu lamber... nas vitrines!

## PALESTRA AMENA

## Diagnostico pelos olhos

Os senhores não de dizer que temos a obsessão do dr. Amilcar de Sousa. E' verdade: o teimosissimo naturista tem-nos suggestionado de tal modo que não nos sai do pensamento. Tambem não admira: todos os dias ele nos dá novidades de tal modo surpreendentes que outras preocupações que tivéssemos passaríamos para segundo plano.

A ultima é esta: pode-se, pelo simples exame dos olhos d'uma pessoa, diagnosticar a doença de que padece, sem que o enfermo faça a menor indicação.

Ora, devemos dizer que já ha muito andavamos desconfiados d'isso. Os poetas tanto disseram que pelos olhos liam na alma das suas amadas, que eles retratavam falsidade ou sinceridade, duvida, meiguice, etc., que não nos custou a admitir que por eles tambem se pudesse perceber o estado do corpo de cada um.

Já sabíamos que quando se dizia de alguém «lindos olhos tem o mocho» tal expressão era ironica e indicava que o dono ou dona dos olhos que apresentavam a terna serenidade dos do mocho a tinha pregado ou estava para a pregar.

«Olho de linco» queria dizer espezteza, viveza de animo e corpo expedito. «Ter lume no olho» igualmente indicava espezteza e estado fisico sem novidade de maior. O olho do pae Paulino foi sempre um indicador seguro da desconfinça. «Olho ingrato» é o olho de pessoa achada de moleza ou de qualquer outro mal incaracteristico. Piscar o olho era, por aceitação comum, sinal de brejeirice e quiçá de doenças nervosas.

Emfim, depois de tantas indicações, a descoberta do illustre madurista não foi para nós de intefra surpresa, mas nem assim deixaremos de o louvar mais uma vez e de a aproveitar para nosso uso, já quando estivermos doentes, já quando examinarmos pessoa que o esteja—pois que a todos mais ou menos, é costume na nossa terra pedir conselhos medicos.

Imaginem que se trata d'um individuo que teve sempre o olhar direito e que de subito nos aparece vesgo; que enfermidade o atacou? Muito provavelmente a hidrofobia—ou talvez o unionismo.

Aqui temos um sujeito de olhar parado, vitreo, idiota: doença de coração; paixoneta por menina historica; poeta, provavelmente.

Olhos fechados constantemente, não cedendo a pedidos, a berros, a ameaças: é evidente que estamos em presença de doente de sono.

Não nos dá o doutor o mapa aguarelado de onde constem os varios aspectos dos olhos conforme as respetivas doenças, por isso só por palpite podemos acertar; assim, não sabemos se um doente de bexigas terá os olhos com pintinhas, se um pneumonico terá falta de ar nas meninas dos olhos, etc. E', porém, de supôr que o querido mestre não se esqueça de, em futuros escritos,

nos esclarecer completamente, para nosso governo e alheio, emquanto toda a humanidade não se sustenta a frutas, porque então, é claro, as doenças desaparecem e com elas as anormalidades visuaes, sendo de crer que nem haja zarolhos.

Isto no que diz respeito aos outros. Quanto a nós, quando nos sentirmos atacados não daremos a menor indicação ao medico: mostramos-lhe o olho e ele que adivinha.

J. Neutral.

## Semana seca

Aqueles marotos de *Sota y Az*; que todos os domingos deliciam os leitores do *Seculo*, edição da noite, com um folhetim de laracha, já esgotaram o assunto da falta d'agua na sua revista *A' bica*. No emtanto ainda nos deixaram uma pontinha—em que pegamos e pa a a qual chamamos a atenção de um dos ditos humoristas, como autor da peça *Lisbia Amada*.



Como se sabe os primeiros quadros d'esta representam as ruas de Lisboa, em trajas apropriados, chovendo n'esses quadros os ditos e trocadilhos ácerca dos nomes das mesmas ruas.

Pois nós tivemos uma idéa, para ser aproveitada immediatamente na mesma peça, emquanto o caso

está palpitante.

Sente-se chorar copiosamente nos bastidores.

O *Fala só (compère)*—Que choro é este?

O *Imaginario*—Talvez seja o *Chora*.

Entra uma personagem em lagrimas:

—Não é o *Chora*, não. Sou eu, que perdi a minha filha!

*Todos*—Coitada! e quem é a senhora? Vê-se que é uma rua...

A *desconhecida*—Sou; sou a rua da Mãe d'agua!

Se o *Sota* meter este episodio na peça, a re-peito da falta d'agua, a plateia ri tanto que até é capaz de as verter!

## Até o Perú!

O Kaiser, assustado com a ultima declaração de guerra:



—Até o Perú! isto é que se chama estar com gali..ha!

## TROCOS

Pedem-nos centos de pessoas, em vista das dificuldades dos trocos—somos sempre consultados nas aflições—que alivitemos alguma medida salvadora, das muitas que temos á mão.

Elas aí vão:

A moeda, como se sabe, não é mais do que a medida do valor, tanto podendo ser em metal, papel, etc., como constituída por um qualquer serviço, visto que nada ha no mundo que não tenha valor.

Posto este principio, imagine o leitor que ent'a n'um carro electrico, que dá dez centavos para pagar a passagem e que o condutor não tem troco em dinheiro. Bem: que o dê em serviço; por exemplo, engraxando as botas ao passageiro, escovando-lhe o fato...

Vai-se a uma loja onde haja caixeiros bonitas. Compra-se qualquer coisa, dá-se uma nota e a caixeira, que tem de entregar as sobras da nota, não as encontra na gaveta. O remedio é facil: dá



o troco em beijos, cotados segundo a respetiva plastica.

Na loja não ha caixeiros, mas sim machos. Não tendo troco o caixeiro póde, por exemplo, recitar um monologo, cantar um fadinho, dançar o sari-coté, etc.

N'uma loja de bebidas. O freguez entra, pede um calice de ginginha, dá uma nota e não ha troco: o freguez leva o calice para casa—e pronto.

Para terminar, uma anedota attribuida a Rossini, se não estamos em erro. Rossini, que era distraidissimo, costumava, quando andava na rua, cantarolar e marcar o compasso com a bengala, á maneira de batuta. Um dia, sem reparar, partiu um vidro domostrador de uma loja.

Vio o dono e exigiu doze vintens e meio (isto passou-se quando Rossini esteve em Lisboa) pelo vidro. Rossini só tinha cinco tostões. Deu-os e o dono do estabelecimento declarou que não tinha troco.

—Não faz mal, disse o maestro.

E, quebrando outro vidro, continuou o seu caminho, assobiando.

## Achado precioso

Diz um telegrama do Brazil que se descobriu n'uma excavação perto de Sant'Ana um esqueleto fossil de dimensões extraordinarias: só um dos dentes caninos tem de comprimento 1 metro e 30 centímetros.

Quanto a nós, o que nos admira não é o comprimento do dente, mas o tamanho que deviam ter os dentistas d'esse tempo para poderem extirpar uma monstruosidade d'aquelas!

## Desgraças do exilio

Chegam-nos da provincia noticias deveras desoladoras do estado em que se encontra o sr. patriarca de Lisboa, Mendes Belo, condenado á horrivel penalidade de ir passar o verão fóra de Lisboa!

Os ultimos telegramas são de apertar o coração mais alexandrico-bracarense!

Leia-se.

**Gouveia**—O reverendissimo exilado passou o dia de hontem pessimamente, repimpado á sombra do arvoredor. Fez uma sésta escandalosa. Desde que aqui está pesa mais 5 quilogramas. É triste!

**Gouveia**—Os sofrimentos do sr. patriarca não se pôdem descrever. Não pôde beber senão vinho do Porto e Champagne. Os medicos proibiram-lhe terminantemente que comesse sardinhas e bacalhau; não ingere senão bifés, lei-



tão, foie-gras e salmão! Quanto a frutas qualquer melão o contenta. Doces, só de ovos. Que miseria de estomago!

**Gouveia**—Sua excelencia reverendissima já hoje pôde dar um pequeno passeio de trem; até agora só suportava o automovel. Dorme apenas dez horas seguidas. O calabouço onde as horrendas justicas da Republica o encerraram durante a noite tem apenas 300 metros cubicos, só tem o sobrado atapetado, reposteiros pesadissimos, janelas rasgadas para todos os pontos cardeais—nem ao menos pontos papais!—leito á Luiz XV e mobilia correspondente, que vendida a um ferro-velho não renderia mais de 5 contos de réis! A indignação em Gouveia é geral.

**Gouveia**—O estado do sr. patriarca peorou notavelmente. No banho já não gasta senão meio litro de agua de Colonia. Recusa-se insistentemente a receber qualquer alimento a não ser pela boca. Aumentou mais 8 quilos de peso. Esta manhã exigiu que lhe pendurasse-

## EM FOCO



## O banheiro

Feliz maroto que não perde ensejos  
De comprimir a mão da minha amada  
E enlaçar a cintura delicada  
Que eu só posso enlaçar com meus desejos!

Ele o busto lhe dobra, para os beijos  
Do mar, e se ela treme de assustada  
Sente-lhe a branda carnação de fada  
E o pavor aos seus olhos bemfazejos...

Como ele gosa essa gentil criança.  
Com que doída volupia na flanela  
A sua mão grosseira palpa e avança!

Tambem, passado o banho da donzela  
Segue-se a minha esplendida vingança:  
Tem de banhar a fufia da mãe d'ela.

Belmiro.

mos na parede do quarto o retrato do dr. Alexandre Braga e passa horas a contempla-lo sorrindo e dizendo:—obrigado!

E' horripilante!

## Esta agora!

O nosso querido naturista dr. Amilcar de Sousa, está abusando. Emquanto prégou amavelmente, sem ofender ninguém, secundámo-lo com o nosso pobre auxilio, ajudando a propaganda. Agora, porém, está saindo das marcas, e n'este terreno não o acompanharemos.

Imagine-se que um dia d'estes, declarou no seu periodico predileto, nem mais nem menos do que isto: «Em meio quilo de chá ha veneno bastante para matar 7 coelhos e 70 gatos.»

A revelação é gravissima e se a ela se limitassem as suas observações, nada teriamos a dizer, ou, antes, diriamos apenas a quem nos lê que, se tem em casa gato ou cão de estimação, não o trate a chá—como vulgarmente se usa e o doutor fez bem em reprovar.

Mas é que ha mais e é que o sabio diz que o Marques, o Ferrari, etc. são nem mais nem menos do que locais elegantes do vicio!» Depois, insulta as senhoras: «Ao vê-la tomar chá, atravez a porta de vidros..., ao contempla-la como exquistas côres da civilização, nos seus 20 anos ainda, eu penso no mal que faz, no vicio que instala em si.»

Em seguida, uma nota germanofila: «Já reparou a minha graciosa senhora nas inglezas? quando novas, um fres-

cor, um mimo! Em poucos anos o chá apergam nha-as, ensarda-as, estragallhes os nervos.»

E como a hina tambem delarou guerra á Alemanha, larga esta piada ás chinezas: «No Oriente as chinas são feias, do vicio tecnico».

Do vicio tecnico! E' onde pode chegar a desfaçatez no insulto!

Por fim aconselha as senhoras a que, em vez do chá das 5, tomem salada de banana com rodinhas de limão.

Se calhar, preconisa tambem a decilitação ao madamismo!

## Descobertas jornalisticas

Já todos sabem que os boches aproveitam novas materias asfixiantes, de terriveis efeitos.

A principio não se conhecia a sua composição, mas eis que um jornal lisboeta, da manhã, nos revela que o veneno se compõe de «sulfurio, zinco, cromo e oxido de mercurio».

Po.lem os alemães ser grandes inventores, mas ao pé d'este tradutor não passam de reles s irrafações. Esta piada do sulfurio é de achatar o proprio Aquiles Machado!

## Bocage e os medicos

(Continuação)

XXXIV

Consta que um medico fóra Inventor da guilhotina.  
Deu bem rapidez á morte!  
Mostrou saber medicina.

XXXV

Um medico, resentido  
De certo seu ofensor  
Ante um amigo exclamava,  
Todo abrazado em furor:

—Para punir este indigno,  
Este v.l, tomara um raio!  
Acode o outro:—Ha um meio  
Muito mais facil: curae-o.

XXXVI

Poz-se medico eminente  
Em voz alta a receitar.  
— Recipe, diz... de repente  
Grita da cama o doente:  
—Basta que mais é matar.

XXXVII

A

Que vem do chefe dos Mortos  
Grita o doutor Maleitas,  
E com mil papeis o prova.

B

—Com que papeis?

A

—Com receitas.

(Continúa).

# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

10.<sup>a</sup> PARTE    A CONTAS COM O HOMEM DOS OLHOS TORTOS    1.<sup>o</sup> EPISODIO  
(CONTINLAÇÃO)



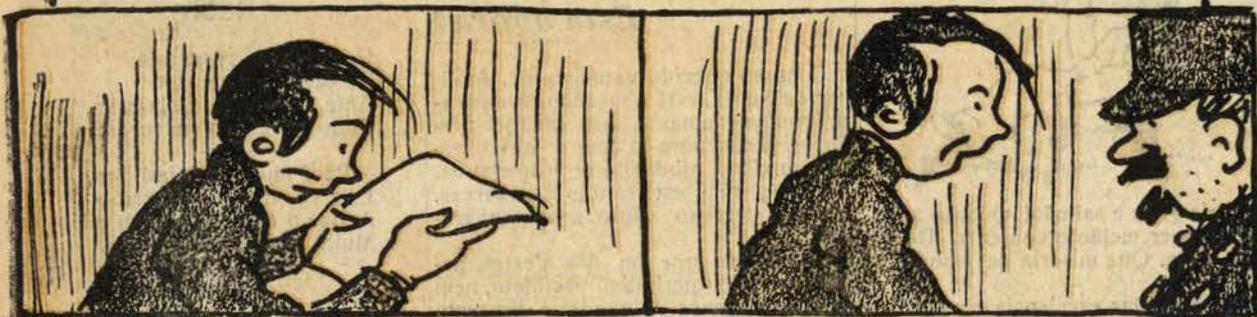
1.—Manecas vê as horas e pensa que se não se apressa Gil Goes será morto.

2.—Telefona ao *Homem dos Olhos Tortos*, oferecendo a vida em troca da do Gil Goes.



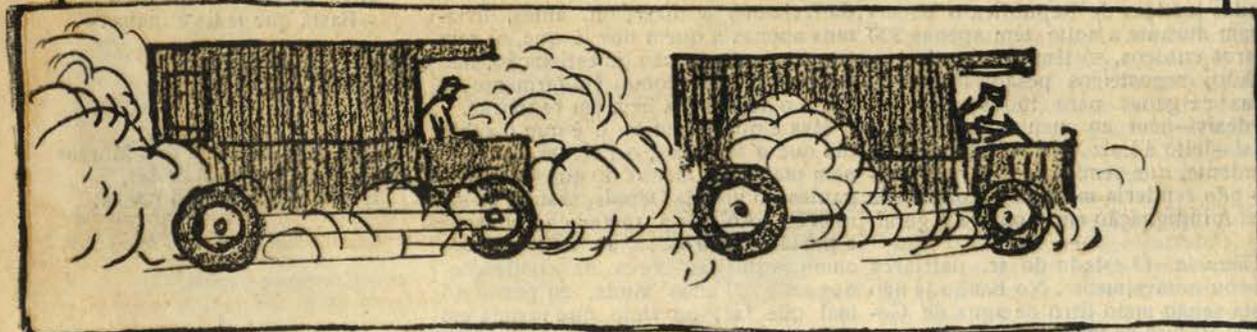
3.—O *Homem dos Olhos Tortos* aceita a oferta e espera o cumprimento da promessa.

4.—Manecas prepara as malas, com os necessários aprestos.



5.—Entretanto o Quim lê uma carta do mano Manecas...

6.—e, em vista da carta, dirige-se á policia. Não sabemos o que com ela combina



7.—que logo os camions policiaes saíram da *garage* e partiram a toda a velocidade em direção ao infinito.

(CONTINUA).